

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Sérgio Brentan

Escola Técnica Estadual de Santa Fé do Sul

Santa Fé do Sul/SP

2024

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistador: Marcos Antonio Reis

Instituição: Escola Técnica Estadual de Santa Fé do Sul

Elaboração do roteiro da pesquisa: Ulisses Batista Thadeu Salvador

Local da entrevista: Sala Maker da Etec de Santa Fé do Sul

Data: 11 de julho de 2024

Técnico de gravação: Josué da Silva Pontes

Duração: 22 minutos e 27 segundos

Número de vídeos: 01 (um)

Transcritor: Ulisses Batista Thadeu Salvador

Número de páginas: 14

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, com o entrevistado Sérgio Brentan que foi morador do bairro, entre 1955 e 1960, e foi vizinho da escola e acompanhou a construção do prédio em que hoje pertence a Etec de Santa Fé do Sul. Sérgio Brentan se tornou aluno da escola nos anos de 1963 a 1967, neste período o prédio abrigava a Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Benedito de Lima, em 1968 ele se mudou com a família para cidade de São Paulo, onde concluiu o curso do ginásio mas não continuou os estudos.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 12 de julho 2024

Nome do transcritor: Ulisses Batista Thadeu Salvador

Recibido no GEPEMHEP em 17/09/2024.

Marcos Antonio Reis (MAR): Olá, pessoal. Bom, eu sou Marcos Reis. Hoje, 11 de julho de 2024, às 15h41, eu recebo o Sr. Sérgio Brentan para uma conversa, um bate-papo sobre a história da Etec de Santa Fé do Sul. Sr. Sérgio, muito bem-vindo à nossa escola, agradeço o senhor por aceitar o convite, por estar aqui contribuindo com o nosso projeto de memórias, com o registro de memórias da nossa escola, da nossa cidade de Santa Fé do Sul, e eu gostaria que o senhor se apresentasse

Sérgio Brentan(SB): Bom, eu primeiramente, agradeço e me sinto, assim, lisonjeado por esse convite, mesmo porque nesse ambiente dessa escola eu fui morador desde o início da construção nas primeiras edificações aqui: 1954 a 1960. Então, fui morador bem de frente à escola e me lembro de todos esses detalhes do início da construção dessa escola. Eu me sinto grato por esse momento!

MAR: Perfeito. Deixo aqui registrados os nossos agradecimentos. Sr. Sérgio, o senhor nasceu aqui em Santa Fé do Sul?

SB: Não sou nascido aqui, mas aqui cheguei em 1955.

MAR: Certo.

SB: Vindo da região de São José do Rio Preto, e naquela época viemos para cá para tentar desbravar... porque aqui era um sertãozinho ainda (risos).

MAR: Sim, sim. Veio todo um movimento, né... plantação de capim, depois café... todo o movimento que nós temos aí registrado na história de Santa Fé do Sul. Sr. Sérgio, qual é a sua formação?

SB: Bom, eu não tenho formação acadêmica. Encerrei o ginásial naquela época, em 1967, depois fui para São Paulo, e em São Paulo trabalhei em várias empresas lá e, sempre que possível, fui estudando. Mas foi uma dureza para concluir o colegial, naquela época tinha, lá na praça da Sé. Eu trabalhei uma época na editora Abril e, nesse interim, eu fiz esse esforço, e assim eu não tive a oportunidade de levar a diante minha vontade de fazer um curso acadêmico. Mas, diante das circunstâncias, fui bom no que eu fiz, agradeço a oportunidade.

MAR: Ah, que ótimo, né? Consegui uma ascensão profissional dentro da sociedade, né, e consegue constituir uma família, consegue se desenvolver. Bom, o senhor me disse, então, que o senhor viu a construção desse prédio? E me conta um pouquinho, Sr. Sérgio, o senhor morava aqui de frente, né?

SB: É, bem de frente mesmo, e já tinha por volta de nove anos, né? Quando chegaram as primeiras máquinas aqui para levantar a estrutura aqui do prédio, né? Então tudo era novidade, né? Aquelas betoneiras, aquelas escavadeiras, que escavavam aqui, e o pessoal ficavam todos olhando, era muito interessante, tudo era novidade, para nós, para as crianças, né

MAR: É, eu imagino. Parece que eu estou ouvindo o barulho, o ruído e o cheiro, né, da poeira... Ouvindo as crianças aqui, posso imaginar o quanto deveria ser inusitado para vocês, né? Vivenciar essa experiência e saber que aqui seria uma escola, né, morando de frente...

SB: É, a expectativa era essa, né? “Quando vai ficar pronto? Como vai ser? Como que vai funcionar?” e que outras atividades que iriam ter, porque o tempo passou... eu fiz o cursinho de Madureza, né, de preparatório de admissão ao ginásio, né? Aí, eu sei que eu fui fazendo as atividades necessárias e, nesse sentido, fazendo muitas amizades, né, que eram importantes, mais com os professores daquela época, que depois se mudaram daqui, mas deixaram rastros, assim, de ensinamentos que a gente se recorda até hoje, né?

MAR: Ah, eu faço ideia de quanto tenha sido significativo nesse período de conhecimento, de chegar até a instituição, né? E conseguir, então, ter o conhecimento e saber o quanto ele é importante, né Sr. Sérgio?

SB: É verdade, foi muito interessante e muito importante, porque a gente tinha pouca instrução fora da escola. E a escola sempre me dava expectativas, e eu sempre gostei muito

de ler e sempre me refugiava aqui na biblioteca da escola, né? Mesmo porque, falando um pouco da minha vida particular, eu tinha uma gagueira. E eu sofria bullying, naquela época não era bullying, mas eu sofria isso aí. E, através da leitura, me ajudou muito a conhecer um pouco mais, além daquilo que o professor trazia.

MAR: Sr. Sérgio, e aqui na escola, aqui nesse prédio, qual a sala que o senhor ocupou? O senhor se lembra?

SB: Olha, eu tanto estudei na área inferior aqui, como na área superior. Mas, dizer para você: na superior, era na segunda sala...

MAR: Sim.

SB: E aqui na inferior, eu acho que foi a terceira.

MAR: A terceira sala.

SB: É, eu me lembro, descia a escada e vinha.

MAR: Certo. O senhor se lembra como era a sala? Hoje, nós estamos numa sala maker, né? Uma sala que passou por uma reforma, uma modificação, o senhor se lembra como era a sala de aula?

SB: Não tinha ventilador, né? Tinha o quadro negro, e as carteiras tradicionais, de antigamente, né? Individualizadas, né?

MAR: Mas não eram aquelas que era uma grudada na outra?

SB: Não.

MAR: Eram individuais.

SB: Tinha acho que umas quarenta, porque tinha bastante alunos. Trinta e sete alunos eu me lembro, de ter um caso com trinta e sete colegas, né?

MAR: Entendi. Só tinha uma lousa?

SB: É. Só um quadro negro.

MAR: Certo. Entendi, pergunto isso porque nesse prédio nós tínhamos salas com duas lousas. Então, provavelmente, vieram posterior à sua passagem pelo prédio.

SB: É, eu me lembro de uma lousa só.

MAR: Nós tínhamos lousa na frente, como nós temos aqui, e uma na lateral, que nós tínhamos aqui também, né? E isso permaneceu aqui até antes da nossa reforma, né, todas as salas eram com duas lousas e nós não sabíamos o porquê, né? Por que ter duas lousas dentro de um espaço de ensino, né?

SB: Pode ser que a minha memória esteja falha, mas eu me lembro de uma só. (voz feminina ao fundo)

MAR: E aí, dentro desse período todo, né, provavelmente de reformas e ampliações que o prédio tenha passado, pode ser que tenha sofrido essa modificação, né? Mas que também era positiva. Agora, as salas ainda não tinham ventilador, e a única ventilação era a que vinha daqueles...

SB: Vitrôs das salas.

MAR: É, imagino como deveria ser quente, né. O senhor permaneceu aqui na escola durante quanto tempo, Sr. Sérgio?

SB: Olha, de 63 a 67, né?

MAR: De 63 a 67, quatro anos então o senhor permaneceu por aqui. Alguém mais da sua família estudou aqui? Algum irmão, irmã? Primos?

SB: Não. Primos sim, né? Após essa data, estava comentando que a minha prima estudou aqui também, ela é mais nova, então pegou uma outra etapa, né? Mas, da família mesmo, só eu que frequentei essa escola.

MAR: Certo. Sr. Sérgio, e naquela época com nove anos, né, imagino eu que depois que a escola estava pronta, inaugurada já, com os alunos aqui, quais transformações o senhor percebeu no entorno desse prédio? Vamos só nos localizar: nós estamos no bairro São Francisco, naquela época era o melhor bairro ou o único bairro que tinha na cidade?

SB: Não, era o melhor sim, bairro rico. Mas, no entorno, trouxe mais movimento, né?

MAR: Entendi.

SB: Mesmo porque aqui, essa avenida, era saída para Mato Grosso, né? Para o Taboado. Então o trânsito que existia na época, nesse sentido, era por aqui que subia essa avenida e chegava até lá. Então, o bairro era bem movimentado, em comparação aos outros bairros, né.

MAR: Sr. Sérgio, e as casas, elas já tinham aqui no entorno?

SB: Tinha poucas casas. E foi crescendo. Aí, nesse período também, em 61, foi construído o hospital Dr. Rodolfo...

MAR: Aqui na rua da frente...

SB: Na rua da frente, e trouxe também um grande movimento, porque era, assim, bastante movimentado pelo atendimento médico né? Vinham pessoas de Mato Grosso, de Goiás. Então Santa Fé tinha uma certa referência médica na época, né? Por causa desse atendimento médico.

MAR: Olha, que interessante, né? E quando o senhor estudou aqui, a relação do governo municipal, era uma escola municipal, era uma escola estadual, como era, o senhor se lembra?

SB: Era escola estadual.

MAR: Estadual?

SB: É.

MAR: Entendi. E o que senhor percebia, por exemplo, de uma gestão estadual naquela época, apesar de tão novo, né? Como era o acesso ao material, biblioteca, vocês tinham merenda aqui na escola?

SB: Não tínhamos merenda, né? Aqui tinha uma cantina que funcionava... cada um cumpria com as suas obrigações de se alimentar. Agora, biblioteca, da qual eu fiz bastante uso, né? Mas, assim, não sei te dizer especificamente sobre o atendimento, mas, para nós era aquilo mesmo. Era tudo bom, era tudo agradável. Tinha um palco ali onde se realizava minhas peças teatrais oriundas dos mais avançados estudos, de outras séries mais altas, que tinha as instruções e traziam as apresentações, era interessante essa participação.

MAR: Vou perguntar para o senhor, e como eram as festividades aqui na escola? O senhor está me dizendo de apresentações no palco que nós tínhamos aqui na escola, né, era uma referência que nós tínhamos ali, o nosso palco, e nessa época então ele era utilizado para essas apresentações, então? Das outras turmas?

SB: Desde outras chamadas necessário, né? Mas, esporadicamente, tinha essas apresentações.

MAR: O senhor chegou a se apresentar naquele palco?

SB: Só como assistente (risos)

MAR: Entendi. Sr. Sérgio, dentro do que nós estamos falando aqui de um espaço, né, de um espaço, de uma escola, hoje, quando o senhor revisita a escola, o que o senhor observa?

SB: Uma mudança significativa, estrutural, física, do prédio, e é um ambiente novo, para mim, eu me senti, assim, bastante emocionado, de ver toda essa mudança que teve, esse esforço contínuo para manter isso. Que, doravante, seja cada vez melhor.

MAR: Dentro desse período então de construção que foi bem marcante para o senhor, agora, como estudante, houve algum evento, algo que marcou o senhor naquela época quando o senhor estudava aqui?

SB: Sempre teve algo assim de lembrança. Mas, especificamente, eu não tinha, assim, muita oportunidade de participar, de alguma festividade no sentido financeiro. Então, sempre fui restrito às minhas possibilidades, de forma que bom mesmo eram as amizades feitas, o aprendizado todo. E, as festividades aqui, eram as datas cívicas, né? Então, tinha o hino nacional, tinha todo aquele aparato, que a gente desfilava nas comemorações cívicas da cidade, né? A gente participava de todos esses eventos nesse sentido.

MAR: Que legal. Então, tinha fanfarra aqui naquela época?

SB: Tinha fanfarra. Tinha a fanfarra aqui do ginásio, e tinha a fanfarra da escola de comércio. Então era briga para disputar qual fanfarra que era melhor. Porque na fanfarra eles participavam.

MAR: Que legal. Poderíamos voltar, né? (risos) a ter uma fanfarra na cidade. Acho que é um dos projetos aí a tocar pela Secretaria de Cultura e, de repente, trazer aí essa estrutura de termos novamente uma fanfarra, parece que tem um movimento aí que talvez traga novamente, né? E é tão importante para a juventude, né? E dentro do que nós estamos falando então, agora, para a comunidade, o senhor participou de algum evento aqui que a comunidade fez dentro dessas dependências do prédio? Alguma coisa que foi promovida pela comunidade, alguma festa, algum aniversário.

SB: Olha, nesse espaço de tempo que eu frequentei aqui como estudante, eu não me lembro da comunidade ter usado. Até porque eu acho que era bem restrito, né?

MAR: Entendi.

SB: Era só limitado aos alunos mesmo, né, e ficava nesse ambiente, e é isso daí. Não tinham as quadras cobertas, então não tinha muita disponibilidade para praticar esporte, mesmo porque as aulas de Educação Física eram fora.

MAR: Ah, não eram aqui?

SB: Não eram aqui. Era lá no tênis clube, de manhã cedo, então a gente tinha que se deslocar para lá.

MAR: E aqui nós temos, então, a quadra que já era aqui, nessa central, sempre foi aqui essa quadra? No meio?

SB: A quadra aqui embaixo?

MAR: Isso.

SB: Tinha um espaço, não tinha...

MAR: Não tinha quadra?

SB: Não tinha.

MAR: E, lá no fundo, aquela quadra, já existia ou não?

SB: Não, não existia.

MAR: Não tinha marcação, nada?

SB: Só tinha o pátio coberto aqui, né.

MAR: Entendi. Então, provavelmente, depois de ampliações é que foram construindo a quadra central aqui, e depois a quadra central no fundo lá. A cobertura veio com a reforma, mas lá, na parte do fundo, existia já um alicerce de quadra, existia arquibancada, tudo na parte do fundo.

SB: Ah, mas isso daí foi, então, posterior ao meu tempo...até 67 não tinha

MAR: Dentro do que nós colocamos, do que nós falamos, Sr. Sérgio, há algo que o senhor gostaria de deixar registrado para esse projeto de memórias? Que senhor gostaria de registrar aqui que o senhor vivenciou, que o senhor quer acrescentar?

SB: O que eu posso te dizer é o seguinte, é uma gratidão imensa ter participado desse momento, registrado esse momento, mesmo porque ficou a lembrança de como foi aquilo, né? Hoje, eu não tenho, assim, minha ausência de coisas daqui da cidade, depois do meu

retorno, já encontrei tudo diferente, né? As amizades já tinham ido e fiz novas amizades, mas, nessa época aí, ficam as boas lembranças, né? É bom, é uma época da juventude que agregou bastante conhecimento e o importante que ficou foram as amizades, né?

MAR: Sr. Sérgio, seus professores eram daqui de Santa Fé do Sul ou eles vinham de fora?

SB: Os professores vinham de fora. E eu me lembro de alguns: professor Valdomiro Moraes Terra, Dr. Honório, professor André, dava aula de Física, professor Mario Gobbi, né, que era daqui. Enfim, professor Itael de Mattos... esses elementos, assim, que marcaram a nossa fase de aprendizado nessa escola e sou muito grato por tudo isso.

MAR: Esse registro na memória do nome desses professores, Sr. Sérgio, é algo que aconteceu, o modo de ensinar que faz o senhor tê-los na sua memória, na sua lembrança? Esses nomes de professores, o carinho que o senhor teve com eles, o que marcou dessa vivência com eles?

SB: Então, é uma pena, porque eu tive um problema, assim, psicológico, talvez, pela minha gagueira, então eu não tinha muita facilidade em me comunicar. Então eu me sentia retraído, por esse quesito aí, né? Então eu ficava um pouco afastado daqueles grupos mais comunicativos... as festas, organizadas pelas últimas séries, que já iam para a formatura, os bailes, e tinha uma bebida exagerada, que acontecia, também, né? Porque a gente não tinha o costume, e pequenos excessos aconteciam. Mas isso também faz parte da vida, né? Já foi já, graças a Deus, não dei sequência (risos) e essas poucas lembranças que tenho, mas tudo é um contexto, assim, que engloba tudo isso, né? Não tem como falar assim “ah, tal coisa ou isso é mais interessante”, naquela humilde concepção de vida que se tinha, né? Era muito singular, né?

MAR: Até porque tudo é muito novo, né, mas tem uma sociedade sendo formada, tem uma cidade sendo construída, né, sendo formada por todos, né, imagino o quanto vocês se esforçaram, vocês se dedicaram...

SB: É verdade.

MAR: Para que Santa Fé do Sul hoje estar como ela está, né?

SB: Tudo, assim, tudo muito no princípio, e as coisas evoluem de acordo com o tempo também, né? Cada um no seu tempo. Hoje está, assim, legal, muito bonito. Mas tem o passado, tem os pioneiros, né? Aqueles que se sacrificaram, né, para que a coisa aconteça de um modo diferente para que possa satisfazer a população com mais atrativos, né? E facilitar também a vida de cada um né? Isso que é importante.

MAR: E que a gente vai entendendo que todos nós temos uma missão a cumprir, né? E aí nós vamos passando o bastão para que outras gerações, outras pessoas vão...

SB: Uns com maiores responsabilidades, outros menores. Mas, em conjunto, para que a coisa cresça.

MAR: Bom, Sr. Sérgio, eu agradeço muito pela sua participação, pela sua disponibilidade de ter vindo aqui contar para nós um pouquinho da sua história dentro desse prédio, dentro dessa escola, né.

Nota: Alguém pede para o entrevistador se apresentar

MAR: Eu sou o professor Marcos Reis, hoje estou como coordenador pedagógico da instituição, sou professor da instituição, do Ensino Médio, do Ensino Técnico, né? Sou santafessulense, morei muitos anos fora e retornei à cidade, mas com um apreço muito grande para com tudo que nós temos como registro de memória, de permanência, de que nós possamos, né, deixar um registro para outras gerações que venham, que venham conhecer, que venham saber...como o senhor disse, né? Existiram os pioneiros, os pioneiros colocaram força, fé, acreditaram e fizeram a cidade.

SB: Perfeito. Isso mesmo

MAR: Muito obrigado, Sr. Sérgio!

SB: Eu que agradeço pela oportunidade e que tenha sucesso contínuo aí com vocês!

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Etec de Santa Fé do Sul

Edificação escolar

Curso Madureza

Tenis Clube

Dr. Rodolfo Abdo

Professor Valdomiro Moraes Terra

Professor Doutor Onório

Professor André

Professor Mário Gobbi

Professor Itael de Matos

Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Benedito de Lima

Dados Biográficos do Entrevistado



Sérgio Brentan, nasceu aos 13 de novembro de 1950 na cidade de Nova Aliança no estado de São Paulo, formado pelo curso Madureza no ginásio, atuou como gerente de vendas na cidade de Santa Fé do Sul, atualmente está aposentado.

Dados Biográficos do Entrevistador



Marcos Antonio Reis, nasceu em Santa Fé do Sul (SP), aos 11 de fevereiro de 1975. É mestre em Psicogerontologia pelo Instituto Educatie, com MBA em Gestão de Pessoas pela Universidade Anhanguera-UNIDERP do Mato Grosso do Sul, graduado em Administração pela Universidade Anhanguera-UNIDERP do Mato Grosso do Sul, licenciado em Matemática pelo Centro Universitário de Jales, licenciado em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Urubunpugá, habilitado em Ciências Humanas e Linguagens e suas Tecnologias pelo Ministério da Educação e Universidade Federal Do Piau. Tem experiência na docência das disciplinas de administração, matemática.

Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Sérgio Brentan

Termo de Autorização para uso de Imagem de Sérgio Brentan